

MANUELA DELGADO LEÃO RAMOS

**António Feijó
e Camilo Pessanha
no Panorama
do Orientalismo
Português**

Fundação Oriente
2001

Índice

Prefácio	7
Introdução	9
CAPÍTULO 1 De Raymond Schwab a Edward Said e depois	15
CAPÍTULO 2 A imagem da China	37
CAPÍTULO 3 Orientalismo continental e uma voz do Oriente	67
CAPÍTULO 4 Do X Congresso Internacional dos Orientalistas a Morais Palha e Pessanha	93
CAPÍTULO 5 Pessanha, orientalizado e “dilettanti da sinologia”	103
CAPÍTULO 6 O <i>Cancioneiro chinês</i> de António Feijó: a <i>nossa</i> mais bela jóia orientalista	135
Conclusão	175
Apêndice	179
Bibliografia	185

Prefácio

Na ausência, em Portugal, de cursos superiores na área de Língua e Cultura Chinesa, só em casos muito pontuais consegui integrar o meu interesse pela cultura oriental nos estudos académicos regulares. Foi o que se verificou de um modo mais consistente no curso de mestrado em Teoria da Literatura e Literatura Portuguesa, que frequentei no biénio 1996-1998, na Universidade do Minho. Tive então oportunidade de concretizar um projecto que acalentava desde o primeiro ano da universidade: investigar os aspectos orientais das obras de Camilo Pessanha e de António Feijó, os mais geniais intérpretes na nossa língua da excelência da linguagem poética chinesa. Assim, quando procurava um tema para a minha dissertação de mestrado, um tema que eu queria ligado a estes dois poetas e à língua e cultura chinesas, surgiu evidentemente o orientalismo.

António Feijó e Camilo Pessanha no panorama do orientalismo português é o resultado do trabalho desenvolvido. É um estudo que não pretendo de modo algum exaustivo e com o qual espero simplesmente poder contribuir para uma melhor compreensão dos aspectos orientalistas da obra destes autores, e do orientalismo português em geral.

Gostaria de agradecer à Fundação Oriente a confiança que em mim depositou ao conceder-me uma bolsa durante o ano lectivo de 1997-1998. Essa bolsa e a licença sabática, que então gozei, concedida pelo Ministério da Educação, foram determinantes na consecução deste trabalho.

Agradeço também a Rui Feijó a gentileza com que me facultou a consulta das cartas de António Feijó a Luís de Magalhães, espólio epistolar que laboriosamente transcreveu e anotou e que se encontra ainda inédito. Foram preciosas as informações que aí recolhi sobre a génese do *Cancioneiro chinês*.

Introdução

Orientalismo? Será a falta de cultura orientalista e o quase vazio institucional existente nesta área de estudos resultado de uma ausência de documentos e de investigações? Ou antes, e caracteristicamente, falta de publicidade? Que tradição orientalista temos em Portugal? Houve estudos orientalistas? Sinologia portuguesa?

Estas questões começaram a impor-se logo no início da minha investigação e concluí imediatamente que não poderia, nem tão-pouco interessava, abordar os aspectos orientalistas das obras de António Feijó e de Camilo Pessanha, sem inquirir sobre a tradição orientalista, na sua vertente sinológica, em Portugal e Macau, e sem a contextualizar no campo mais vasto da tradição orientalista europeia. Tradição essa, aliás, de que actualmente faz parte a própria reflexão teórica sobre a história do orientalismo.

Foi justamente por aí que iniciei a minha viagem inquiridora, viagem que me reconduziu a Camilo Pessanha e a António Feijó e que me permitiu uma melhor compreensão dos aspectos orientalistas das suas obras.

Segue-se um breve resumo dos assuntos tratados em cada capítulo.

actualmente se entende por discurso orientalista, no sentido 'saidiano', atrav3s do discurso generalizante, etnocentrista e racista de alguns textos de Oliveira Martins.

Falo em seguida daquele que 3 considerado o primeiro sin3logo oficial em Portugal continental, Jo3o Feliciano Marques Pereira, e da sua actividade de inventaria33o e divulga33o dos saberes resultantes do relacionamento portugu3s com o Extremo Oriente; actividade que se concretizou, nomeadamente, com a publica33o, a partir de 1899, da revista *Ta-ssi-yang-kuo. Arquivos e anais do Extremo Oriente portugu3s*. Este en3rgico personagem – investigador, jornalista pol3tico e deputado por Macau – tamb3m pode ser considerado um exemplo do que Edward Said entendeu ser um dos aspectos fundamentais do orientalismo, na medida em que todo esse acumular de saber era motivado pelo prop3sito pol3tico de n3o deixar que fossem esquecidos os direitos portugueses em Macau, face aos poderes e saberes mais fortes das outras pot3ncias ocidentais que ent3o disputavam o pingue territ3rio chin3s. Foi um digno herdeiro n3o s3 de seu pai, Ant3nio F. Marques Pereira, um dos primeiros a debru3ar-se sobre a hist3ria do relacionamento de Portugal com a China, como tamb3m, e antes dele, do visconde de Santar3m. Tamb3m me refiro a este portugu3s que, no seu ex3lio em Paris, esteve em contacto com os orientalistas do seu tempo.

Contempor3neo de Jo3o F. Marques Pereira, e protagonizando um percurso inverso ao seu, encontramos Wenceslau de Moraes, cuja voz t3o especial se fazia tamb3m ouvir na imprensa. O seu discurso anticolonialista 3 uma inspiradora contrapartida ao hegem3nico etnocentrismo dos te3ricos da hist3ria universal e dos pr3ticos pr3-colonialistas.

Concluo o cap3tulo apresentando o fundador dos estudos orientais em Portugal continental, Guilherme de Vasconcelos Abreu, lente de S3nscrito no Curso Superior de Letras, e comento um trabalho seu, publicado em 1889, intitulado *O animismo entre os chineses*, escrito num estilo que 3, caracteristicamente, uma mistura de erudi33o e da mais pura sobranceira ariana.

Do X Congresso Internacional dos Orientalistas a Moraes Palha e Pessanha (cap3tulo 4)

No cap3tulo 4 s3o comentadas as contribui33es portuguesas enviadas de Cant3o ao X Congresso Internacional dos Orientalistas (agendado para Lisboa em 1892 e que n3o se chegou a realizar) e a obra de A. Moraes Palha, *Esbo3o cr3tico sobre a civiliza33o chinesa* (1912), cujo pref3cio de Camilo Pessanha 3 muito mais conhecido.

Cantão (e Macau), onde há mais tempo se fazia sentir a influência ocidental, tinha fama, desde há muito, de ser o local da China mais degradado e corrompido. Fazia parte, no dizer poético de Victor Segalen, da «*écorce meurtrie*»⁷ da China. Nos textos referidos é a descrição deste cenário degradado e decadente que prevalece. Camilo Pessanha dá-nos a provar, no prefácio à referida obra de Morais Palha, esta parte apodrecida do fruto da civilização chinesa.

Camilo Pessanha, orientalizado e “*dilettanti* da sinologia” (capítulo 5)

O capítulo 5 é dedicado a Camilo Pessanha. Nele é inquirida uma outra típica faceta da experiência ocidental no Oriente, directamente ligada à utilização de substâncias como o ópio e o haxixe. Este orientalismo dos “paraísos artificiais” é perspectivado de acordo com a teorização pré-simbolista de Baudelaire, teorização que anuncia a chamada revolução da linguagem poética e de que o nosso poeta é considerado o mais ilustre iniciador.

Neste capítulo também são abordados os interessantes e valiosos escritos de Pessanha sobre a poesia chinesa e indiciadas e analisadas as imagens poéticas de temática oriental da sua poesia, algumas evidentes, outras puras suposições.

O *Cancioneiro chinês* de António Feijó: a *nossã* mais bela jóia orientalista (capítulo 6)

O capítulo 6 é dedicado ao autor da mais bela jóia orientalista da poesia portuguesa: o *Cancioneiro chinês* (1890) de António Feijó. Apresenta-se uma breve biobibliografia deste poeta que se regia pelo princípio estético da máxima perfeição. Este facto e a componente pictórica das poesias do *Cancioneiro chinês* fazem com que esta obra seja considerada uma das mais representativas do nosso parnasianismo. Inquiri sobre as origens desta dúbia apelação e transmito o que o próprio poeta pensava sobre os parnasianos franceses.

Neste capítulo, traço a história do *Cancioneiro chinês* através da correspondência do poeta com o seu amigo Luís de Magalhães. Apresento ainda a orientalista Judith Gautier, autora do pioneiro *Livre de jade* (1867), obra que divulgou na Europa a poesia chinesa e que inspirou numerosos poetas para além de António Feijó.

Depois deste resumo introdutório, gostaria de referir dois autores cujos escritos sobre o Extremo Oriente se revestem de uma importância já devidamente reconhecida, no panorama do orientalismo português, até por constituí-

rem um testemunho precioso da minoria de intelectuais que não adoptaram apenas um discurso racista, eurocentrista, ‘científico’, em suma orientalista no sentido com que Said investiu este termo. Refiro-me a Eça de Queirós e Wenceslau de Moraes, que invoco estrategicamente ao longo do meu texto.

O percurso que efectuei, como já referi, foi motivado pela necessidade de uma compreensão sistémica, tanto dos aspectos orientalistas das obras de Pessanha e de Feijó, como também das próprias teorizações sobre o orientalismo.

Gostaria ainda de acrescentar que sendo este trabalho uma investigação sobre a especificidade dos discursos orientalistas, assume-se também como uma espécie de pequena antologia dos mesmos, o que justifica ter optado por citar extensivamente em vez de parafrasear.

¹ Raymond SCHWAB, *La renaissance orientale*, p. 13.

² Edmond e Jules de GONCOURT, *Journal*, vol. I, p. 984.

³ Edward SAID, «Raymond Schwab», pp. 248-267.

⁴ Idem, *Orientalism*, p. 50.

⁵ Com efeito, mais ou menos pela altura em que os *fan-gueis* ocidentais (os diabos estrangeiros) definitivamente impuseram a sua presença no Celeste Império, contra a vontade do regime imperial (com a primeira das chamadas *guerras do ópio* entre 1839-1842, e a farsa legal dos *tratados iníquos*), tinha surgido na China o chamado «barbarian affairs movement» (Hu Sheng, *From the opium war*, p. 404), o primeiro nome deste “ocidentalismo” de que o célebre comissário Lin Zexu, o mandarim que o imperador Dao guang (1821-1852) mandou para Cantão em 1839 para controlar e impedir (em vão) o contrabando do ópio, foi o grande incentivador, dado o seu pioneiro interesse pelo estudo das coisas do Ocidente. Posteriormente, este movimento foi designado em inglês por «the Westernization movement» e os ‘ocidentalistas’ de lá, na sua fase mais tardia, chamavam-se «Westernization Clique» (cf. idem, *ibidem*).

⁶ Cf. Álvaro Manuel MACHADO, *O mito do Oriente na literatura portuguesa*.

⁷ Victor SEGALÉN, *Essai sur l'exotisme*, p. 52.